INTERSECCIONALIDADE: QUANDO O ESTIGMA DO ABORTO E OUTROS ESTIGMAS JUNTAM FORÇAS

MÓDULO 5

ÍNDICE

Introdução	1
Actividades à primeira vista	3
5A: Ligar o estigma com base em múltiplas identidades: Sua receita familiar favorita	5
5B ESSENCIAL: O Último Aborto: Actividade de EVMA	8
5C Parte 1: Explorar papéis de género	12
5C Parte 2: Elogiada ou criticada?	16
5D: Um impasse para mulheres jovens	21
5E: Combater o estigma na intersecção dos direitos de LGBTIQ e ao aborto	25
Recursos-Chave	34
Referências	34

INTRODUÇÃO

Uma intersecção é um lugar onde as coisas se cruzam. Interseccionalidade refere-se à ideia de que todos nós temos múltiplas identidades que se cruzam—ou se juntam—para nos tornar quem somos (Crenshaw, 1989). A linguagem de "interseccionalidade" permite-nos falar sobre como a opressão e os pontos de discriminação e privilégio se sobrepõem e se reforçam mutuamente. Considere, por exemplo, que nos Estados Unidos e em outros lugares, as mulheres negras sofrem tanto discriminação racial quanto de género, enquanto as mulheres brancas podem ter apenas que lidar com a discriminação de género, beneficiando de preconceitos raciais. Assim, embora, em média, mulheres de todas as raças nos Estados Unidos ganham 82 centavos por cada dólar que homens brancos ganham por trabalho comparável, as mulheres negras ganham apenas 65 centavos por cada dólar que homens brancos ganham por trabalho comparável (DeSilver, 2018).

Este módulo explora como o estigma do aborto se combina com outros tipos de estigma para marginalizar ainda mais uma pessoa que já está a ser vítima do estigma e discriminação. Outras formas de discriminação reforçam o—e são reforçadas pelo—estigma do aborto. As pessoas podem ser afectadas quando procuram um aborto ou o estigma do aborto pode intensificar o estigma em outras áreas de sua vida, tornando ainda mais difícil para elas viverem vidas felizes e saudáveis.

Considere a experiência de uma jovem portadora de deficiência física proveniente de uma família de baixa renda. Devido à combinação da sua situação financeira, sua deficiência e idade, é provável que ela tenha muito mais dificuldades em obter um aborto do que um profissional jovem e rico que não tenha uma deficiência visível. Além disso, se as pessoas souberem que fez um aborto, o estigma do aborto pode reforçar atitudes prejudiciais e discriminatórias sobre mulheres de baixa renda ou mulheres portadoras de deficiências.

Desta forma, o estigma do aborto pode reforçar a marginalização de mulheres pobres, mulheres rurais, mulheres de comunidades de minorias étnicas, pessoas que são *Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Intersexuais e Queer/Questionamento* (LGBTIQ), pessoas com deficiências, entre outros. Este módulo inclui exercícios que nos ajudam a explorar e entender as barreiras adicionais que as comunidades marginalizadas enfrentam no acesso aos serviços de aborto.

Se você gostaria de se familiarizar melhor com a ideia de interseccionalidade antes destas actividades, este vídeo chamado Interseccionalidade 101 é um excelente lugar para começar. Se você tiver acesso a um computador e à Internet, também pode considerar a possibilidade de partilhá-lo com os participantes.

Seus objectivos do Módulo 5 como facilitador

- Apresentar aos participantes a ideia de interseccionalidade no contexto do estigma do aborto;
- Aprofundar a compreensão dos participantes de como as pessoas que já enfrentam o estigma e a discriminação de outros tipos enfrentam barreiras adicionais enquanto procuram serviços de aborto;
- Melhorar a compreensão dos participantes sobre como o estigma do aborto reforça a discriminação e a marginalização que já existe em outras áreas da vida das pessoas.

ACTIVIDADES À PRIMEIRA VISTA

NÚMERO DA ACTIVIDADE	NOME	OBJECTIVO PARA OS PARTICIPANTES	TIPO DE ACTIVIDADE	NÍVEL DA ACTIVIDADE
5A	Ligar o estigma com base em múltiplas identidades: Sua receita familiar favorita	Compreender melhor o papel da dinâmica social, cultural e do poder político no estigma do aborto Reconhecer como a dinâmica social, cultural e o poder político afectam o acesso aos serviços de aborto	O grupo ouve uma história sobre uma receita familiar favorita Debate em pequenos grupos Dramas Reflexão em plenária (círculo)	Introdutório
5B ESSENCIAL	O Último Aborto: Actividade de EVMA	Reconhecer o que pode acontecer quando o estigma do aborto é adicionado a outras formas de estigma, impactando algumas pessoas mais do que outras Descrever os perigos de decidir sobre quem deveria ou não receber serviços de aborto Debater os desafios colocados por leis e políticas restritivas ao aborto	Pequenos grupos com cenários Participantes debatem sobre os cenários em seus pequenos grupos para decidir a que mulher concederão o último aborto	Intermédio
5C Parte 1	Explorar papéis de género	Compreender os conceitos de sexo e género e conhecer a diferença entre eles Começar a ver como papéis de género e estereótipos incitam o estigma do aborto	Jogo em grupo que explora diferenças entre sexo e género (1-2-4-Todos) Debate sobre o impacto dos papéis de género no estigma do aborto	Avançado

NÚMERO DA ACTIVIDADE	NOME	OBJECTIVO PARA OS PARTICIPANTES	TIPO DE ACTIVIDADE	NÍVEL DA ACTIVIDADE
5C Parte 2	Elogiadas ou criticadas?	Ver até que ponto a sociedade usa as expectativas de género para controlar mulheres e raparigas Reconhecer que esse nível de controlo estende-se ao corpo e vida das mulheres, raparigas e transexuais, restringindo o acesso ao aborto	Dois grupos desenham imagens mostrando de que as mulheres jovens são elogiadas ou criticadas Debate em círculo sobre como as imagens se relacionam ao estigma do aborto O Grupo identifica pequenas acções para mudança	Avançado
5D	Um impasse para mulheres jovens	Compreender a pressão e julgamentos que mulheres jovens e sexualmente activas enfrentam Identificar como o estigma do aborto se manifesta para as mulheres jovens em diferentes contextos Indicar como o estigma afecta o acesso das mulheres jovens aos serviços de aborto	Pares visitam as estações de contexto (instituição religiosa, escola, família e unidade sanitária) Pequenos grupos identificam formas de estigma em cada contexto Drama de pequenos grupos para demonstrar como o estigma se manifesta em cada contexto (1-2-4-Todos) Apresentação em Plenária	Intermédio
5E	Combater o estigma na interseccção dos direitos de LGBTIQ e ao aborto	Reconhecer termos relacionados com diferentes orientações sexuais e identidades de género Começar a compreender plenamente o significado de cada termo Compreender as ligações entre o estigma do aborto e o estigma de LGBTIQ	Actividade de correspondência de terminologia Reflexão em pequenos grupos e apresentação em plenária (ao grupo todo) Apresentação do(a) facilitador(a) Reflexão em pequenos grupos e apresentação em plenária (ao grupo todo)	Intermédio

5A: LIGAR O ESTIGMA COM BASE EM MÚLTIPLAS IDENTIDADES: SUA RECEITA FAMILIAR FAVORITA

Notas para facilitadores

O aborto está entre os serviços de saúde reprodutiva mais estigmatizados. O estigma do aborto opera a vários níveis (social, cultural e político) ao mesmo tempo. Muitas sociedades usam a idade, classe, raça e outras características das pessoas para marginalizá-las e discriminá-las. O acesso aos serviços de aborto tende a diminuir quando as pessoas têm menos poder social, cultural e político. Quanto menos poder as pessoas tiverem, mais estigma tendem a enfrentar.

Esta actividade explora os diferentes níveis de estigma do aborto que as pessoas enfrentam com base no seu poder social, cultural e político—ou falta de poder. Ao facilitar esta actividade, você começará por contar uma história sobre um prato favorito. Use a receita como uma metáfora para as características que possuímos que afectam a forma como a sociedade nos trata. Os dramas desafiam o grupo a pensar em formas de mudar situações estigmatizantes que as pessoas enfrentam.

Tempo:

1 hora e 15 minutos

Objectivos:

No final desta actividade, os participantes serão capazes de:

- Compreender melhor o papel da dinâmica social, cultural e do poder político no estigma do aborto;
- Reconhecer como a dinâmica social, cultural e do poder político afectam o acesso aos serviços de aborto.

Materiais e preparação:

- Escolha um prato com vários ingredientes diferentes. Pode ser uma receita familiar, uma receita nacional ou qualquer prato com vários ingredientes—mas escolha um prato que os participantes reconhecerão.

Passos para a facilitação:

1. **Introduza a actividade (2 minutos):** *As pessoas enfrentam diferentes níveis de estigma do aborto dependendo de quanto poder e estatuto elas têm. A sociedade não trata todos de igual modo. Ela marginaliza as necessidades de algumas pessoas e centra as necessidades de outras. Quando as pessoas marginalizadas precisam de abortos, elas enfrentam pior estigma e discriminação do que as pessoas que não são marginalizadas. Essas dinâmicas de poder significam*

que as barreiras para aceder aos serviços de aborto são ainda maiores para elas. Nesta actividade, exploraremos como as dinâmicas de poder afectam as experiências das pessoas sobre o estigma do aborto e o acesso aos serviços.

2. **Receita favorita (5 minutos):** *Esta é a história de um prato favorito que tem vários ingredientes.* Leia a receita em voz alta. *Descrevi uma maneira de preparar este prato. Você poderá conhecer outra maneira de fazer isso. Às vezes os ingredientes diferem ligeiramente e às vezes usamos diferentes quantidades de um ingrediente. O prato poderá ter um sabor ligeiramente diferente, mas ainda é basicamente o mesmo prato.* Explique a metáfora da receita: *Somos todos compostos de muitos ingredientes ou qualidades diferentes. Alguns nós valorizamos mais do que outros—alguns são positivos, outros negativos, outros neutros. No entanto, cada um contribui para quem somos, como pensamos sobre nós mesmos, como nos mostramos ao mundo e, muitas vezes, como o mundo nos trata. Escolha duas ou três palavras para se descrever. Você pode pensar em seu sexo, seu género, sua idade, sua origem, sua família, sua tribo e assim por diante.* Depois de um minuto: *Agora fale com a pessoa ao seu lado sobre as palavras que lhe vieram à mente.*

3. **Grupos Pequenos (10 minutos):** *Todos temos nosso próprio senso de nós mesmos. Mas o estigma e as barreiras que enfrentamos quando tentamos aceder aos serviços de aborto são maiores ou menores dependendo do nosso poder e estatuto na sociedade. Como os outros nos vêem e julgam molda como eles nos tratam e influencia nossa experiência do mundo.* Divida os participantes em três grupos. *Cada grupo recebe uma pergunta. Use suas próprias experiências ou de amigos e familiares para ajudar no debate. Se você estiver a usar a experiência de outras pessoas, por favor, não compartilhe seus nomes reais ou quaisquer outros dados pessoais que elas desejam manter em sigilo.*

   Grupo um: *Como é que a idade de uma pessoa pode afectar o estigma do aborto e o acesso aos serviços?*

   Grupo dois: *Como é que a raça, a etnia ou casta de uma pessoa pode afectar o estigma do aborto e o acesso aos serviços?*

   Grupo três: *Como é que a classe ou formação académica de uma pessoa pode afectar estigma do aborto e acesso aos serviços?*

4. **Apresentação (5 minutos):** *Compartilhem os pontos-chave dos debates em grupo com todos (em plenária).*

5. **Dramas (25 minutos):** Mantenha os mesmos grupos. *A tarefa do vosso grupo agora é criar um drama baseado no estigma que vocês debateram. Mostrem um exemplo de como o estigma pode aparecer nesses cenários e, em seguida, apresentem o drama mais adiante, fazendo com que um personagem desafie o estigma.* Dê aos grupos alguns minutos para prepararem seus dramas e assista-os como um grupo.

6. **Reflexão sobre os dramas (15 minutos):**

   - *O que você viu a acontecer nos dramas?*
   - *Isso acontece na vida real?*
   - *Alguma reflexão de como o grupo desafiou o estigma?*

- *O que vocês fariam numa situação semelhante?*

7. **Reflexão sobre a actividade (10 minutos):** Pergunte ao grupo todo: *Quais são algumas das medidas que podemos adoptar para usar o poder que temos (nas nossas famílias, comunidades religiosas, grupos de amigos, locais de trabalho ou outros lugares) no sentido de reduzir barreiras aos serviços de aborto para pessoas com menos poder social, cultural e político nesses espaços?*

8. **Resumo (3 minutos):**

Resumo das principais mensagens

- O estigma do aborto opera em vários níveis—incluindo social, cultural e político—ao mesmo tempo. Muitas sociedades usam a idade, classe, raça e outras características das pessoas para rotular, separar e discriminar.
- O acesso aos serviços de aborto tende a diminuir e o estigma tende a aumentar quando as pessoas têm menos poder social, cultural e político. O estigma do aborto contribui para redução do acesso aos serviços de aborto.
- Se agirmos para reduzir o estigma do aborto de modo a aumentar o acesso ao aborto seguro, devemos estar conscientes de como ele aparece para diferentes pessoas. Devemos trabalhar para abordar todos os níveis e tipos de estigma e discriminação.

5B ESSENCIAL: O ÚLTIMO ABORTO: ACTIVIDADE DE EVMA

[Adaptado de *Abortion attitude transformation: A values clarification toolkit for global audiences,* by K.L. Turner and K. Chapman Page, 2011.]

Notas para facilitadores

Quando adicionamos o estigma do aborto a outras formas de estigma, as barreiras são multiplicadas. O estigma do aborto prejudica ainda mais as minorias pobres, rurais, étnicas, LGBTIQ e outras pessoas marginalizadas. As pessoas que possuem estas identidades poderão sofrer o estigma do aborto mais intensamente do que outras com identidades mais privilegiadas.

Um resultado do estigma do aborto é que as pessoas com identidades desfavorecidas sofrem um julgamento e obstáculos ainda maiores com base na ideia de que alguns abortos são mais necessários ou apropriados do que outros. Por exemplo, poderemos pensar que uma pessoa que trabalha como professora é mais merecedora de um aborto do que uma trabalhadora de sexo, ou uma pessoa que tenha sido estuprada é mais merecedora do que alguém que não usou contracepção. Estas crenças — conscientes ou não — podem tornar os efeitos do estigma do aborto ainda mais fortes.

Os cenários nesta actividade destacam as circunstâncias complexas em torno da decisão de procurar um aborto. Eles demonstram como as nossas várias identidades e experiências de vida podem combinar para intensificar os obstáculos de acesso a um aborto. Os participantes são encorajados a examinar e desafiar seus preconceitos contra certas mulheres ou circunstâncias, bem como suas crenças sobre políticas de aborto que restringem o acesso ao aborto.

Você poderá adaptar cenários conforme necessário, mas recomendamos a não evitar tópicos controversos. Em vez disso, antecipe e prepare-se com antecedência.

Tempo:

1 hora

Objectivos:

No final desta actividade, os participantes serão capazes de:

- Reconhecer o que pode acontecer quando o estigma do aborto é adicionado a outras formas de estigma, afectando assim algumas pessoas mais do que outras;
- Descrever os perigos de decidir quem deve ou não receber um aborto;
- Debater os desafios impostos pelas leis e políticas restritivas ao aborto.

Materiais e preparação:

- Fotocopie "O Último Aborto—Cenários" (alguns para cada grupo);
- Decida sobre um método para criar grupos mistos de participantes.

Passos para a facilitação:

1. **Apresente a actividade (3 minutos):** *Em alguns países, existem restrições legais, políticas, financeiras e de outra natureza relativamente aos serviços de aborto que podem impedir o acesso ao aborto seguro e legal. Essas restrições também podem impedir que mulheres, raparigas e transexuais tenham várias opções de métodos de aborto ou podem afectar a qualidade dos serviços que lhes são prestados. Os formuladores de políticas ou provedores, por vezes, fazem julgamentos tendenciosos sobre quem merece um aborto e quem não merece. O próximo exercício nos ajudará a explorar isso trabalhando em pequenos grupos para debater essas questões.*

2. **Pequenos Grupos (2 minutos):** Divida os participantes em grupos de quatro ou cinco, dependendo do tamanho do grupo. Certifique-se de que os pequenos grupos não sejam grandes demais para que todos possam participar nos debates.

3. **Instruções para os participantes (4 minutos):** Diga aos participantes que, para os objectivos desta actividade, estamos a trabalhar em um país inventado com cenários inventados e, de acordo com a política deste país fictício, pode haver apenas mais um aborto seguro e legal realizado. Explique que você dar-lhes-á um folheto que descreve sete pessoas que querem interromper a gravidez e solicitaram a concessão deste último aborto. Os pequenos grupos representam os formuladores de políticas que decidirão quem deve receber o último aborto.

4. **Debate (15 minutos):** Dê aos grupos uma cópia dos Cenários do Último Aborto e peça-lhes que leiam os cenários. Se ninguém no grupo souber ler, um facilitador poderá ler os cenários para o grupo.

    - Diga aos participantes que eles têm 15 minutos para discutir os cenários em seus pequenos grupos e decidir a qual das pessoas eles concederão o último aborto.
    - Eles devem indicar um porta-voz que apresentará resumidamente sua decisão ao grupo maior e explicará porque escolheram essa pessoa.
    - Durante o debate, certifique-se de que os participantes compreendam as instruções e possam concluir a tarefa a tempo.

5. **Apresentação em Plenária (15 minutos):** O tempo dedicado a apresentação variará de acordo com o tamanho do grupo.

    - Peça aos participantes que retornem ao grupo maior para apresentar suas decisões sobre quem escolheram e por quê. Os porta-vozes devem limitar suas apresentações a um ou dois minutos. Quando cada grupo estiver a apresentar, peça a outros que não comentem, mas esperem pelo debate em plenária.

6. **Reflexão (2 minutos):** Logo que todos os pequenos grupos tiverem apresentado, peça a cada participante para reflectir silenciosamente sobre os preconceitos que podem ter contra certas pessoas que procuram o aborto. Também deverão considerar como esses preconceitos poderão ter afectado sua decisão sobre a quem conceder um aborto.

7. **Debate em pares (5 minutos):** Peça aos participantes para formarem pares e compartilharem seus pensamentos e reflexões.

8. **Reflexão e debate (10 minutos):** Faça algumas ou todas estas questões:

   - *O que vocês acharam deste exercício?*
   - *O que vocês aprenderam sobre vossas próprias atitudes em relação ao aborto neste exercício?*
   - *Como vocês imaginam que esta actividade se relaciona com a frequência com que os serviços de aborto são disponibilizados ou restringidos?*

9. **Resumo (4 minutos):**

Resumo das principais mensagens

- O acesso a serviços de aborto seguros e acessíveis deve ser uma opção para todas as pessoas, independentemente da idade, estatuto social ou outras identidades pessoais.
- O estigma do aborto prejudica ainda mais as pessoas pobres, rurais, de minorias étnicas e LGBTIQ, bem como ainda as pessoas que têm outras identidades desfavorecidas. As pessoas que possuem essas identidades podem sofrer o estigma do aborto mais intensamente do que outras com identidades mais privilegiadas.
- Políticas de aborto restritivas e provedores individuais podem determinar quem tem "direito" a um aborto, com base em preconceitos sobre as razões, identidade e circunstâncias dessa pessoa. A decisão de conceder um aborto a algumas pessoas e não outras, traz consequências ao longo da vida para essas pessoas, sua família e comunidade.
- Os membros da comunidade também desempenham um papel na estigmatização das escolhas e/ou identidades das pessoas. Justificamos alguns abortos e não outros, e ao fazer isso, espalhamos o estigma do aborto em nossas comunidades.
- Cada pessoa nesses cenários expressou o desejo de fazer um aborto e é provável que cada pessoa tenha pensado cuidadosamente em suas razões para chegar a essa decisão.
- Por vezes, conselheiros ou provedores tentam convencer certas pessoas a continuar uma gravidez por causa das suas crenças pessoais de que essas pessoas não devem interromper uma gravidez. Isso pode fazer com que essas pessoas se sintam pressionadas a tomar uma decisão que poderá resultar em consequências negativas para sua saúde ou vida.

O ÚLTIMO ABORTO — CENÁRIOS

Instruções: Cada uma destas pessoas pediu um aborto. Vocês devem escolher uma pessoa que será capaz de receber o último aborto seguro e legal. Discutam cada cenário e as razões para a escolha dessa pessoa.

Uma mulher de 39 anos está grávida de 10 semanas. Ela trabalha como gestora numa grande empresa e tem seu próprio apartamento na cidade. Ela está num relacionamento estável e vive perto da sua família alargada. Ela tem dois filhos adolescentes, mas não planeou engravidar novamente. Ela não quer ter outro filho.

Uma mulher de 21 anos, em seu terceiro ano na universidade, descobriu que está com 14 semanas de gravidez. Uma vez que seu ciclo menstrual era irregular, ela não se apercebeu que estava grávida. Esta é sua primeira gravidez. Seu método contraceptivo falhou, embora ela esteja certa de que o usou correctamente. Ela é a primeira pessoa da sua pobre aldeia rural a frequentar a universidade. Ela vive em estado de ansiedade ao pensar em continuar esta gravidez.

Uma mulher de 25 anos está grávida de oito semanas. Ela tem dois filhos com menos de quatro anos e vive com um homem que a abusa fisicamente com frequência. Ele opõe-se ao aborto, mas ela não quer trazer outra criança para um lar abusivo, especialmente porque isso apenas a tornará mais dependente dele para obter apoio financeiro. Sua depressão piorou consideravelmente desde que ela descobriu que estava grávida.

Uma mulher de 28 anos está grávida de 12 semanas. Ela pratica sexo comercial para ganhar dinheiro a fim de pôr seus dois filhos na escola. O homem que é seu ex-parceiro, e com quem ela ocasionalmente mantém relações, organiza seus clientes. Ela sabe que se ele descobrir que ela está grávida, ele a punirá duramente e não poderá mais trabalhar. Ela preocupa-se em como ela e seus filhos vão sobreviver.

Uma mulher de 23 anos com dois filhos pequenos tem gravidez de 10 semanas. Ela e seu filho mais novo são seropositivos. Seu marido morreu de doenças ligadas ao VIH/SIDA há dois anos e os deixou sem apoio financeiro. Ela não tem condições de pagar tratamento anti-retroviral e, várias vezes, no passado, já foi hospitalizada por infecções oportunistas.

Uma rapariga de 15 anos está grávida de 12 semanas devido ao estupro do padrasto. Quando ela contou à mãe sobre o estupro e a gravidez, sua mãe lhe disse para sair de casa. Ela está hospedada na casa de um amigo. Ela continua a frequentar a escola pública, onde tem sido uma excelente aluna. Ela está a passar por uma grande angústia pelo estupro e pela gravidez e seus estudos estão a ficar afectados.

5C PARTE 1: EXPLORAR PAPÉIS DE GÉNERO

[Adaptado de uma actividade no Kit de Ferramentas ISOFI: *Tools for learning and action on gender and sexuality.* Copyright © 2007 Cooperative for Assistance and Relief Everywhere, Inc. (CARE) and International Center for Research on Women (ICRW).]

Notas para facilitadores

Os papéis de género ou normas são regras sobre os tipos de comportamento que as comunidades consideram aceitáveis, apropriados ou desejáveis para as pessoas com base no seu sexo biológico. Desenvolvemos ideias e expectativas sobre género e papéis de género de várias fontes. Por exemplo, recebemos mensagens de familiares, amigos, líderes de opinião, instituições religiosas e culturais, escolas, nossos trabalhos, publicidade e comunicação social. Essas fontes reflectem e influenciam as diferenças entre os papéis, estatuto social e poder económico e político das mulheres e dos homens na sociedade.

Um dos mais poderosos estereótipos de género diz que as mulheres devem tornar-se mães para cumprir seu papel como mulheres. A sociedade julga mulheres que não se tornam mães. Também julga aquelas que optam por interromper uma gravidez.

Esta é uma actividade avançada. Ela ajuda os participantes a entender a diferença entre os conceitos de sexo e género, uma diferença que muitos de nós confundimos. Ela também explora as maneiras pelas quais os papéis rígidos, estereótipos e expectativas de género podem alimentar o estigma do aborto. Use-a com grupos que completaram a actividade (5B ESSENCIAL: O Último Aborto: Actividade de EVMA) neste módulo. Além disso, é a primeira de uma actividade de duas partes. Dê seguimento a essa actividade com 5C Parte 2: Elogiadas ou criticadas?

Embora esta actividade se concentre nos efeitos dos papéis de género em mulheres e homens, ao facilitar a actividade, você pode criar espaço para que o espectro mais amplo de sexo e género se torne conhecido. Se alguém trouxer outros sexos e géneros (intersexual, transexual, dois-espíritos, meti, hijra, não-binários, muxe, etc.), afirme pessoas que desafiam as regras sociais de sexo e género e confirme que elas também sofrem com o estigma alimentado por papéis de género.

Tempo:

45 minutos

Objectivos:

No final desta actividade, os participantes serão capazes de:

- Compreender os conceitos de sexo e género e conhecer a diferença entre eles;
- Começar a ver como os papéis e estereótipos de género podem alimentar o estigma do aborto.

Materiais e preparação:

- Familiarize-se com a diferença entre sexo e género:
    - **Sexo** refere-se às características biológicas ou físicas que definem os humanos como femininos ou masculinos. O género refere-se às características socialmente construídas de mulheres e homens—tais como normas/tradições, papéis e expectativas; o género é "feito pelo ser humano" e não é inerentemente "natural".
    - A forma como uma pessoa demonstra (externamente) seu género para as outras pessoas é chamada de **expressão de género.** Isso pode incluir características físicas, comportamentos e apresentações de um indivíduo que estão ligados, tradicionalmente, à masculinidade ou à feminilidade, tais como: aparência, maneira de vestir, gestos/modos, padrões de fala e interacções sociais. A **identidade de género** refere-se a um senso internalizado do género, independentemente de corresponder ao sexo atribuído no nascimento ou à maneira como alguém se veste ou age.
- Para melhor compreensão, considere os exemplos abaixo.

CATEGORIA DE "SEXO" E "GÉNERO"	EXEMPLO
Uma característica do sexo biológico	Seios, ovários
Um estereótipo de género feminino	As mulheres são mais calmas que os homens e não destinadas a falar abertamente
Um estereótipo de género masculino	Todos os homens gostam de praticar desporto
Um papel de género	Homens devem ser provedores e "ganha-pão"
Um papel de género relacionado com a sexualidade	As mulheres não devem tomar a iniciativa para sexo
Um papel de género relacionado com a reprodução	A maior vocação da mulher é ter filhos

- Pratique explicando claramente a diferença entre género e sexo.
- Escreva ou desenhe "Homem" e "Mulher" em dois flipcharts e coloque-os na parede com um flipchart em branco entre eles. Tenha marcadores prontos.

Passos para a facilitação:

1. **Introduza a actividade (2 minutos):** *O objectivo desta actividade é ajudar-nos a entender a diferença entre sexo e género. Também nos fará pensar em papéis, estereótipos e expectativas de género em todo o mundo e em nossas próprias comunidades. Papéis e expectativas de género rígidos podem, por vezes, levar ao estigma do aborto. Esses papéis estabelecem expectativas sobre como as mulheres e os homens devem se comportar e punem as pessoas que não seguem as regras. Um dos mais poderosos estereótipos de género diz que as mulheres devem se tornar mães para cumprir seu papel na vida. A sociedade julga mulheres que não se tornam mães; também julga aquelas que optam por interromper uma gravidez. Falaremos mais sobre isto durante a actividade.*

2. **Chuva de ideias sobre sexo e género (8 minutos):** Diga as primeiras palavras que vêm à mente quando você ouve a palavra "Homem". Escreva as palavras no flipchart "Homem". Agora, diga as primeiras palavras que vêm à mente quando você ouve a palavra "Mulher". Escreva as palavras no flipchart "Mulher".

   Exemplos de palavras que poderão surgir:

MULHER	HOMEM
Atenciosa	Forte
Mãe	Provedor
Seios	Poderoso
Vagina	Pai
Amável	Pénis
Gentil	Marido
Cozinheira	Violento
Faladora	Decisor
Bondosa	Barba
Menstruação	Dominante

   Certifique-se de que pelo menos algumas palavras que descrevem traços biológicos (como "pénis" para o homem e "seios" ou "menstruação" para mulheres) apareçam na lista. Certifique-se de que "mãe" também apareça para mulher. Se necessário, adicione-as você mesmo.

3. **Espaço no meio (7 minutos):** *Algumas das palavras do "Homem" também podem descrever mulheres? Algumas das palavras da "mulher" também podem descrever homens?* Você pode verificar isso fazendo perguntas como:

   - *As mulheres podem ser fortes e poderosas?*
   - *Os homens podem ser gentis e bondosos?*
   - *Uma mulher pode não ter filhos?*
   - *Uma mulher pode ser o "ganha-pão"?*
   - *Os homens podem cozinhar e cuidar de crianças?*

   À medida que os participantes indicam as palavras, escreva-as no flipchart do meio e desenhe uma linha no meio das palavras "Homem" e "Mulher". As palavras que ficam do lado de "Homem" ou do lado de "Mulher" devem ser principalmente aquelas que descrevem traços biológicos. Se houver palavras que descrevam papéis de género, pergunte ao grupo se acha que essas palavras pertencem ao lado onde estão e por quê? Pergunte: *Vocês já começaram a ver a diferença entre sexo e género?* Oiça alguns comentários do grupo para testar o entendimento deles. *Nosso próximo passo nos ajudará a entender algumas dessas ideias com mais profundidade.*

4. **Encontrar exemplos (15 minutos):** Divida os participantes em quatro grupos. Atribua a cada grupo uma categoria da lista abaixo:

   - Características sexuais dos homens (por exemplo, "pénis")

- Características sexuais das mulheres (por exemplo, "seios")
- Estereótipos de género para homens (por exemplo, "fortes")
- Estereótipos de género para mulheres (por exemplo, "obedientes")

Dê ao grupo um exemplo da categoria dos membros para começar. *Vocês têm alguns minutos para pensarem em mais exemplos da vossa categoria para levar ao círculo completo. Se vocês não tiverem certeza de que entenderam o que a vossa categoria significa, conversem com o vosso pequeno grupo.* Depois de alguns minutos, leve os grupos de volta à roda. Peça a cada grupo que dê exemplos da sua categoria. Em seguida, discuta as categorias e responda às perguntas que os participantes possam ter.

5. **Reflexão e debate (10 minutos):** *Reflictam por um minuto ou mais e depois debatam estas duas questões com um parceiro:*

   - *O que acontece com as mulheres quando elas não seguem papéis, estereótipos e expectativas de género?*
   - *Vocês conseguem pensar em alguma maneira pelas quais os papéis, estereótipos e expectativas de género podem alimentar o estigma do aborto?*

   Depois de alguns minutos, peça a cada par que compartilhe suas reflexões com o grupo.

6. **Resumo (3 minutos):**

Resumo das principais mensagens

- Recebemos mensagens sobre papéis de género da família, amigos, líderes de opinião, instituições religiosas e culturais, escolas, serviços, publicidade e meios de comunicação. Essas fontes reflectem e influenciam as diferenças entre papéis, estatuto social e poder económico e político das mulheres e dos homens na sociedade.
- Papéis, estereótipos e expectativas rígidos de género criam papéis idealizados para homens e mulheres na sociedade. As mulheres geralmente recebem a mensagem de que devem ser mães. Quando as mulheres contrariam papéis de género sobre a maternidade, a sociedade as julga. O estigma do aborto pode ser uma consequência de papéis rígidos de género.

5C PARTE 2: ELOGIADAS OU CRITICADAS?

Notas para facilitadores

Por vezes, parece que os membros da família, a comunidade, os meios de comunicação, as instituições religiosas—em outras palavras, a sociedade em geral—constantemente julgam e controlam mulheres e raparigas. Elogio e desaprovação em relação a elas, mostram-nos como o mundo espera que elas pensem, se sintam e comportem.

Esta actividade oferece uma abertura para discutir como podemos desafiar papéis, estereótipos e expectativas de género para reduzir todo o tipo de estigma contra mulheres e raparigas, incluindo o estigma do aborto. Ela começa com os participantes a explorar os diferentes comportamentos ou traços que a sociedade elogia (recomenda) ou critica (julga) por tê-los. O debate desenrola-se sobre como esses papéis podem alimentar o estigma do aborto.

Os participantes desta actividade podem ter percepções poderosas sobre o quanto a sociedade controla mulheres e raparigas. Seu objectivo é ajudá-los a ver como esse nível de controlo se estende ao controlo do corpo e da vida das pessoas, restringindo o acesso à informação e aos serviços do aborto.

A etapa final usa a abordagem de "pequenas apostas". Sua tarefa com os participantes é reconhecer que há muitas coisas que precisam ser mudadas, mas se pudermos encontrar alguma maneira de começar—fazer uma pequena aposta para a mudança—então, demos o primeiro passo. Ideias para acção podem ser a nível individual ou num contexto mais amplo. De qualquer forma, peça aos participantes que pensem em medidas realistas que possam tomar agora.

Esta é uma actividade avançada. Use-a com os participantes que completaram a actividade principal neste módulo (5B ESSENCIAL: O Último Aborto: Actividade de EVMA). Além disso, é a segunda de uma actividade de duas partes. Use-a como um follow-up (actividade de acompanhamento) para 5C Parte 1: Explorar papéis de género.

Tempo:

1 hora

Objectivos:

No final desta actividade, os participantes serão capazes de:

- Ver até que ponto a sociedade usa papéis, estereótipos e expectativas de género para controlar mulheres e raparigas;
- Reconhecer que esse nível de controlo se estende ao corpo e à vida das pessoas ao restringir o acesso à informação e aos serviços de aborto;
- Compreender como a sociedade usa expectativas de género para controlar e estigmatizar quem procura abortos.

Materiais e preparação:

- Analise estas respostas da amostra de workshops piloto na Zâmbia e na Índia.
- Coloque, em lados opostos da sala, dois flipcharts na parede, com marcadores ao lado.

NA ZÂMBIA, MULHERES E RAPARIGAS SÃO

Elogiadas por:

- Terem filhos
- Irem à igreja
- Cuidarem da família
- Casarem-se
- Educarem bem os filhos
- Serem asseadas
- Serem bem-educadas
- Serem humildes
- Vestirem roupas apropriadas (cobrindo as pernas)
- Saberem cozinhar

MAS se uma mulher fizer um aborto, todas essas boas coisas serão esquecidas

Criticadas por:

- Vestirem roupas apertadas
- Serem frontais
- Irem à universidade
- Perderem a virgindade
- Terem relações extra-conjugais
- Só darem à luz a meninas
- Terem mau aproveitamento escolar
- Não cumprirem as tarefas domésticas
- Serem incapazes de fazer filhos
- Chegarem tarde à casa
- Serem vistas na companhia de homens ou rapazes
- Serem vistas como desrespeitosa
- Serem solteiras
- Divorciarem-se
- Não serem boas de cama
- Fazerem aborto
- Ter gravidezes não planeadas

NA ÍNDIA, MULHERES E RAPARIGAS SÃO

Elogiadas por:

- Terem cabelo comprido
- Terem olhos bonitos
- Serem inocentes e tímida
- Terem um nariz pontiagudo
- Terem lábios carnudos
- Serem simples e "caseiras"
- Terem uma pele clara
- Serem respeitosas e submissas
- Serem boas cozinheiras
- Terem um bom dote
- Serem boas mães
- Serem cultas e conservadoras

Criticadas por:

- Brincarem com rapazes
- Andarem de maneira confiante
- Usarem maquiagem
- Saírem sozinhas
- Não respeitarem os sogros
- Acederem à internet
- Vestirem certo tipo de roupas
- Manterem o cabelo solto
- Conversarem com homens desconhecidos
- Usarem telemóvel
- Terem sexo antes do casamento
- Terem uma pele escura

Observações dos participantes

"Espera-se que façamos muito—cozinhar, limpar, cuidar das crianças, trazer dinheiro. Há muita pressão."

"Há pressão para manter a virgindade, mas para o marido isso não importa."

"Isso mostra que as mulheres fazem muito trabalho. Têm um fardo mais pesado se comparado aos homens."

"A sociedade é dona dessa pessoa. Antes de sair de casa, você precisa verificar como está."

"As mulheres são fortes. Vocês devem continuar assim e não dar ouvidos a todas essas coisas."

"As mulheres são o centro da vida."

"Até mesmo se o marido não estiver bem vestido, culparão a esposa!"

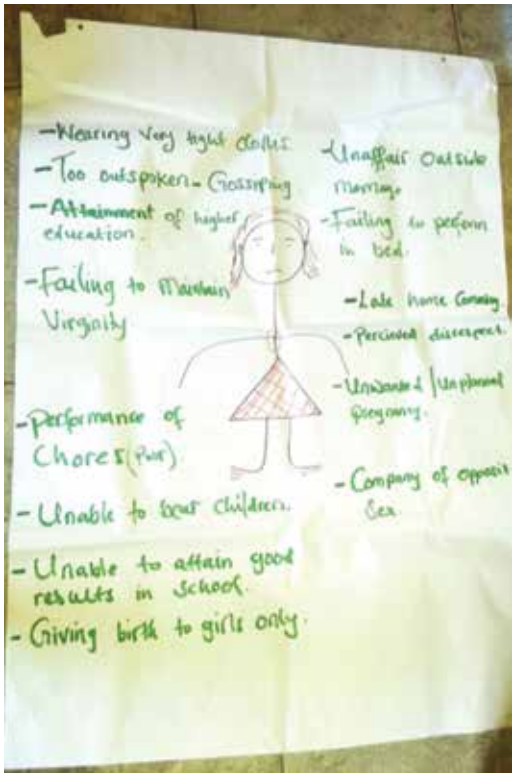
"Você até deve se importar com o jeito de comer. Certificar-se de comer menos do que o homem."

"Uma mulher tem que estar um passo à frente o tempo todo."

Passos para a facilitação:

1. **Introduza a actividade (2 minutos):** *Muito estigma do aborto provém das expectativas da sociedade em torno dos papéis das mulheres. Por exemplo, muitas sociedades vêem uma mulher ideal como mãe, protectora e cuidadora. Como resultado, aquelas que saem de seus papéis esperados (de todas as formas) enfrentam o estigma e a discriminação. Muitas pessoas acham que o aborto está em conflito directo com papéis e expectativas de género. Esta actividade permite-nos explorar expectativas de género e discutir como podemos desafiá-las para reduzir o estigma do aborto.*

2. **Desenhos sobre "Elogiadas ou Criticadas" (10 minutos):** *Divida os participantes em dois grupos.* (Se você tiver um grupo grande, divida-os em quatro grupos: Dois podem olhar para "elogiadas" e dois podem olhar para "criticadas".) *Cada grupo: Desenhem uma foto de uma mulher no meio do vosso flipchart. Um grupo desenhará fotos e escreverá coisas que a sociedade* ***elogia.*** *O outro grupo desenhará fotos e escreverá as coisas que sociedade* ***critica.***



3. **Analise os flipcharts (10 minutos):** Peça a cada grupo para explicar seus desenhos ou textos no flipchart.

4. **Debate (10 minutos):** *Agora debata com a pessoa ao seu lado: O que vocês sentem quando ouvem as coisas pelas quais as mulheres e raparigas são elogiadas e criticadas? O que se destaca para vocês e por quê?* Depois de alguns minutos, oiça pelo menos um ponto de cada par. De seguida, pergunte todo o grupo: *Como vocês acham que essas expectativas poderiam alimentar o estigma do aborto?*

5. **Reflexão usando 1-2-4-Todos (11 minutos):** *Pensem sozinhos, por alguns minutos, sobre o que vocês aprenderam com a actividade.* Depois de dois minutos: *Formem pares e compartilhem vossos pensamentos.* Depois de dois minutos: *Agora juntem-se a outro par. Escolham dois pontos-chave para compartilharem com todo o grupo.* Depois de dois minutos, oiça dois pontos de cada grupo.

6. **Pequenas apostas (12 minutos):** *Por alguns minutos, sozinhos, pensem em uma pequena aposta que vocês podem fazer. Uma pequena aposta é qualquer acção pessoal simples que alguém pode tomar para começar a mudar expectativas prejudiciais de género que possam alimentar o estigma do aborto.* Depois de alguns minutos, escute uma contribuição de cada participante. Eles podem usar as ideias uns dos outros e partilhá-las com outras pessoas em sua vida.

7. **Resumo (5 minutos) usando ideias do debate e resumo das principais mensagens:**

Resumo das principais mensagens

- A sociedade usa expectativas de género para monitorar e controlar o comportamento das mulheres e raparigas. Quando elas não correspondem ao ideal, a sociedade frequentemente as julga severamente. Isso inclui julgamento severo e tratamento de pessoas que desafiam os ideais de género ou género em geral.
- As expectativas de género tornam claro quais comportamentos são aceitáveis e quais são inaceitáveis para homens e mulheres, incluindo se e como as pessoas que desafiam um binário de género são tratadas. Se quisermos desafiar o estigma do aborto, devemos aumentar a conscientização sobre como as pessoas usam expectativas de género para estigmatizar mulheres e raparigas que procuram abortos. Também precisamos começar a mudar essas expectativas prejudiciais.
- Fazer um pequeno desafio às expectativas prejudiciais de género que impulsionam o estigma do aborto pode fazer a diferença. Você pode começar com algo simples, exactamente onde você está.

5D: UM IMPASSE PARA MULHERES JOVENS

Notas para facilitadores

A sociedade muitas vezes tem expectativas muito diferentes para homens e mulheres jovens quando se trata de sexo. Por vezes, a sociedade espera que os jovens sejam sexualmente activos—ou, no mínimo, não desencoraja isso. Ao mesmo tempo, temos expectativas claras para que as mulheres jovens protejam sua virgindade e sejam castas. Mulheres jovens que são sexualmente activas—ou que as pessoas acham que são sexualmente activas, se for verdade ou não—enfrentam um estigma muito maior do que os homens jovens que são sexualmente activos. A sociedade também espera que as mulheres jovens neguem que elas sintam desejo e prazer sexual. Muitas instituições e pessoas com poder (comunidades religiosas e líderes, famílias, unidades sanitárias e escolas) estigmatizam a sexualidade de mulheres jovens

Esta actividade usa uma história e várias estações para focalizar-se na pressão que papéis, estereótipos e expectativas de géneros colocam sobre as mulheres jovens sexualmente activas. Como facilitador(a), certifique-se de que as pessoas realmente entendam a história; a compreensão é importante para esta actividade. Use as estações para ajudar os participantes a identificar e discutir os pontos sobre estigma que a mulher jovem encontra em cada ambiente.

Tempo:

50 minutos

Objectivos:

No final desta actividade, os participantes serão capazes de:

- Compreender a pressão e julgamento que as mulheres jovens sexualmente activas sofrem;
- Identificar como é o estigma do aborto para mulheres jovens em diferentes ambientes/contextos;
- Mencionar como o estigma afecta o acesso das mulheres jovens aos serviços de aborto.

Materiais e preparação:

- Imprima uma cópia da história de Fátima.
- Crie, nos flipcharts, quatro estações usando fotos ou desenhos grandes que mostrem esses ambientes em seu contexto local: família, escola, clínica de saúde e igreja/mesquita/templo. Identifique cada flipchart com o nome da estação.
- Coloque os flipcharts ou fotos ao redor da sala ou do lado de fora em paredes, árvores ou bancos. Organize-os em fila—como se estivessem em uma estrada—e não em um círculo.

HISTÓRIA DE FÁTIMA

Tenho 16 anos de idade. Vivo com minha mãe, minha tia e meus dois irmãos, um mais velho e outro mais novo. Meus pais divorciaram-se quando eu tinha 8 anos.

Sou confiante e popular na escola e sonho em me tornar uma jornalista.

Minha família vai à igreja todas as semanas. Por vezes, torna-se chato ouvir o pregador porque está sempre a falar sobre como as mulheres induzem os homens a praticar o mal. Recentemente, comecei a regressar a casa depois de sair da igreja com meu vizinho de 19 anos, Bruno. Gosto muito do Bruno. Temos interesse nas mesmas coisas e começamos a conversar no WhatsApp e a compartilhar fotos no Instagram.

Rafael, meu irmão mais velho, fica preocupado com o que as pessoas estão a dizer na comunidade. Ele não gosta que Bruno e eu estejamos a nos tornar íntimos. Ele acha que isso pode manchar o nome da nossa família. Ele diz-me para ter cuidado com a minha reputação e me adverte para não trazer desonra à nossa família.

Depois de nos vermos por seis meses, Bruno diz que quer algo sério comigo. Ele também diz que quer começar a manter relações sexuais. Eu receio por ser muito jovem, mas sinto que amo Bruno. Eu partilho minhas preocupações com ele e faço com que prometa usar preservativos.

Um dia, minha mãe estava a lavar roupa e deparou-se com um pacote de preservativos. Ela convoca uma reunião de família. Os rapazes culpam-me. Nossa mãe fica chateada. Ela repreende-me por fazer sexo e usar preservativos. Ela diz que eu deveria ter vergonha de mim mesma. Ela diz para concentrar-me nos meus estudos para que eu possa realizar meus sonhos

Bruno e eu continuamos a nos ver secretamente. Nós gostamos de manter relações sexuais quando podemos.

Um ano depois, no meu último ano na escola, descubro que estou grávida. Estou arrasada porque tentamos ser cuidadosos. Estou preocupada porque ter um bebé atrapalhará minha educação e meus planos de vida. Ouvi histórias da directora a mandar embora da escola raparigas grávidas. Eu não me sinto pronta para ser mãe.

Eu digo ao Bruno. Nós concordamos que eu deveria interromper a gravidez. Na clínica, perguntamos a uma enfermeira sobre um aborto. Ela repreende-nos e diz para não interromper a gravidez.

Então, aproximo-me da minha tia para obter conselhos. Mas ela também diz-me que eu deveria manter a gravidez e casar com Bruno. Estou desesperada. Para piorar a situação, meu irmão diz que as pessoas na escola e na igreja estão a começar a fofocar sobre mim.

Continuação na próxima página.

Minha amiga sugere que eu vá a uma curandeira que é conhecida por ajudar mulheres jovens a fazer aborto. Mas temo pela minha vida. Algumas raparigas morreram por ir aos curandeiros.

Então, Bruno e sua família mudam-se para outra região. Nós paramos de nos ver. Paro de estudar para ter o bebé. Temo que meus sonhos de me tornar jornalista morram.

Passos para a facilitação:

1. **Apresente a actividade (2 minutos):** *Esta actividade explora o impacto que o estigma do aborto pode ter em jovens mulheres sexualmente activas e as decisões que elas devem tomar. Também veremos como essas decisões podem afectar toda a vida de uma mulher. O tipo de estigma que uma mulher jovem pode enfrentar varia dependendo de onde ela se encontra: na escola, na clínica, em casa ou na sua igreja, templo ou mesquita.*

2. **Leia a história de Fátima (6 minutos):** *Primeiro, vou ler uma história sobre uma jovem que enfrentou algumas situações difíceis. Por favor, escutem e anotem as vezes em que ela sofre qualquer tipo de estigma.* Leia a história em voz alta, devagar e com clareza.

3. **Caminhada pela comunidade (8 minutos):** *Encontre um parceiro e caminhem juntos pela comunidade. Ao visitar cada posto, mencionem o tipo de estigma de aborto que a Fátima pode sofrer nesse ambiente. Digam o que as pessoas podem realmente dizer: por exemplo, na igreja, as pessoas poderiam dizer: "As mulheres jovens que fizeram aborto pecaram". Na clínica, as enfermeiras podem envergonhá-las dizendo: "Por que uma jovem como você precisa saber sobre os serviços de aborto?"* Dê tempo suficiente para que os pares possam se mover para todos os quatro ambientes. De seguida, grite: *Parem! Agora, formem pequenos grupos no ambiente mais próximo que estiverem. Você poderá ter que ajudar a formar os grupos.*

4. **Trabalho em pequenos grupos (10 minutos):**

   Nos vossos pequenos grupos:

   - *Identifiquem exemplos de estigma de aborto que Fátima pode vir a enfrentar neste ambiente.*
   - *Criem um pequeno drama para demonstrar como Fátima poderia sofrer o estigma do aborto nesse ambiente.*

   Lembrem-se de manter o foco em Fátima. Tornem isso específico para a experiência dela.

5. **Apresentação em Plenária (12 minutos):** Circule pelos ambientes e peça a cada grupo que apresente seu drama para o grupo todo (plenária).

6. **Reflexão 1-2-4-Todos (9 minutos):**

   Agora, passem alguns minutos a pensar sozinhos nas seguintes perguntas:

   - *Quais são algumas das características comuns do estigma do aborto nos diferentes ambientes?*
   - *Como é que papéis, estereótipos e expectativas de género podem afectar negativamente as mulheres jovens durante toda a vida? As normas de género podem ser uma causa do estigma do aborto?*
   - *O que podemos fazer para começar a mudar a forma como as mulheres jovens são julgadas para que tenham maior acesso aos serviços de saúde?*

   Depois de alguns minutos: *Formem pares e compartilhem vossos pensamentos e ideias.* Depois de mais alguns minutos: *Encontrem outros pares e escolham dois pontos principais para compartilharem em plenária.*

7. **Resumo (3 minutos) usando as ideias dos participantes e o resumo das principais mensagens:**

Resumo das principais mensagens

- Muitas vezes, famílias, escolas, clínicas de saúde, líderes religiosos e outras instituições tomam decisões por mulheres jovens, em vez de apoiar as mulheres jovens a decidirem por si mesmas o que é melhor para elas.
- O estigma do aborto contra mulheres jovens pode parecer diferente dependendo do contexto. Muitas vezes, há pressões provenientes de vários ambientes na comunidade. Essas pressões podem estigmatizar as mulheres jovens e, por vezes, forçá-las a tomar decisões prejudiciais a elas.
- Para melhorar o acesso das mulheres jovens aos serviços de saúde e o controlo sobre sua propria vida, as estratégias de mudança precisam abordar o estigma a partir de diversos pontos dentro das nossas comunidades.

5E: COMBATER O ESTIGMA NA INTERSECÇÃO DOS DIREITOS DE LGBTIQ E AO ABORTO

Notas para facilitadores

Como é que são os direitos das pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Intersexuais e Queer/Questionamento—e muitos outros cuja orientação sexual e/ou identidade ou expressão de género (OSIEG) não estão em conformidade com as normas dominantes—ligadas aos direitos ao aborto.

A experiência do aborto e a experiência de ser LGBTIQ desafiam estereótipos e mandatos de género comuns—por exemplo, a ideia de que todas as mulheres deveriam querer ser mães, ou que um "homem de verdade" é, por padrão, heterossexual.

A experiência de aborto e a experiência de ser LGBTIQ são expressões de saúde e direitos sexuais e reprodutivos. O termo geral "direitos sexuais e reprodutivos" refere-se aos direitos e actividades associados à sexualidade humana, à reprodução e às formas como criamos e definimos nossas famílias. Isso inclui o direito à autonomia corporal e auto-determinação quando se trata de sexualidade e controlo da fertilidade. Também inclui o direito à não-discriminação quando se trata de aceder a serviços de saúde sexual e reprodutiva.

O aborto e os direitos LGBTIQ podem estar entre as questões mais polarizadoras quando se discute a saúde e os direitos sexuais e reprodutivos, muitas vezes por causa das formas como desafiam as normas sociais sobre género e sexualidade (ver Actividade 5C, Partes 1 e 2, para uma análise dessas normas).

As pessoas LGBTIQ—e outras cuja orientação sexual e/ou identidade ou expressão de género não estão em conformidade com as normas dominantes—enfrentam barreiras e níveis adicionais de estigma quando precisam de serviços de aborto. Por exemplo, muitos transexuais que precisaram de abortos lutaram para aceder a provedores de serviços seguros e respeitosos que usam termos neutros de género ou termos afirmativos de género para anatomia física, usam o nome escolhido da pessoa e possuem sistemas—para documentar e comunicar informações de saúde—que reconhecem e normalizam a realidade das necessidades de serviços de saúde dos transexuais. Em alguns contextos, lésbicas e outras identidades não conformes são especificamente orientadas para "estupro correctivo" e violência sexual. Eles podem necessitar de serviços de aborto informados por trauma, que reconheçam a dinâmica da não-conformidade sexual e de género e estejam a afirmar em vez de estigmatizar e traumatizar ainda mais.

Quando trabalhamos para acabar com o estigma do aborto e concentramo-nos em garantir que cada pessoa tenha toda a gama de direitos sexuais e reprodutivos, ajudamos a garantir que todas as pessoas tenham controlo sobre sua própria fertilidade sem coerção, discriminação ou violência.

Notas para facilitadores (cont.)

Em cada contexto em que você estiver a liderar esta actividade, informe-se sobre o contexto legal do aborto e dos direitos de LGBTIQ. Muitas vezes, há semelhanças nas origens ou na natureza das restrições legais. Por exemplo, em muitos países africanos com histórico de domínio colonial britânico, muitas das leis que criminalizam o aborto e/ou a actividade de LGBTIQ foram introduzidas e impostas pelas leis coloniais.

Ao facilitar esta actividade, certifique-se de garantir o conforto e o respeito pelos direitos de LGBTIQ.

Tempo:

1 hora e 30 minutos

Objectivos:

No final desta actividade, os participantes serão capazes de:

- Definir termos-chave relacionados à orientação sexual, identidade de género e aos direitos de LGBTIQ;
- Identificar as consequências prejudiciais do estigma contra as pessoas LGBTIQ que procuram serviços de aborto;
- Descrever as ligações conceptuais entre o estigma do aborto e o estigma de LGBTIQ.

Materiais e preparação:

- Imprima cópias suficientes dos termos e tabelas de definições para que cada grupo pequeno de três a cinco pessoas tenha duas. Use papel colorido diferente para os termos e para as definições, de modo que seja fácil para os grupos distingui-los.
- Recorte os folhetos pelas linhas para que cada caixa seja um pedaço de papel individual. Os participantes serão solicitados a fazer corresponder cada termo à sua respectiva definição.
- Guarde cópias para si, para que você possa consultá-las rapidamente.
- Você poderá querer criar um PowerPoint ou um flipchart com um resumo das definições para sustentar o debate.
- Escreva as questões do debate (Passo 6) em um slide de PowerPoint ou no flipchart.
- Tenha prémios disponíveis para várias pessoas na(s) equipa(s) vencedora(s).
- Seleccione um segmento de um pequeno vídeo (da lista abaixo ou da pesquisa no YouTube para um vídeo apropriado ao seu contexto) que

você mostrará para a secção sobre o estigma LGBTIQ. Se você não tiver tempo para ver vários vídeos, use o primeiro (abaixo), mas note que o vídeo apresenta uma activista ugandesa e que você precisará pedir aos participantes para relacioná-lo ao contexto específico deles.

- "Advocating for Uganda's LGBT -- risk and resilience | Kasha Jacqueline Nabagesera | TEDxLiberdade"
- "Bend it like Portia" (South Africa)
- "Breaking Out of The Box:trailer" (Stories of Black South African Lesbians)
- "Coming Out As Gay in Kenya"
- "Corrective Rape & Murder Of Lesbians In South Africa - End of the Rainbow Film"
- "Ghana: Campaigners demand decriminalisation of homosexuality after spike in anti-LGBT violence"
- "I'm an African and I'm gay | Cameron Sithole-Modisane | TEDxSoweto"
- "LGBT Asylum: Three Stories"
- "LGBT Rights South Africa with Ndumie Funda"
- "A Ugandan Transgender Girl Fights for her Right to Love – Episode 1"

Passos para a facilitação:

1. **Introduza a actividade (4 minutos):** *Esta é uma actividade de duas partes que nos permitirá explorar as ligações entre o estigma de LGBTIQ e o estigma do aborto. LGBTIQ significa Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Intersexuais e Queer/Questionamento. LGBTIQ refere-se a uma variedade de orientações sexuais e identidades de género. Para começar, vamos participar de uma actividade para aprender o significado de termos relacionados com a orientação sexual e identidade de género. Esses termos podem ser muito familiares para alguns de vocês e totalmente novos para os outros.*

   Depois de analisarmos a terminologia, exploraremos as ligações entre o estigma de LGBTIQ e o aborto.

2. **Actividade de correspondência (45 minutos):** Após a apresentação,divida o grupo em pequenos grupos usando um separador de grupos. Grupos pequenos podem ter de três a cinco pessoas, dependendo do tamanho do grupo inteiro. Certifique-se de ter conjuntos suficientes de termos e definições para que cada grupo tenha um conjunto.

   - *Cada grupo pequeno tem um conjunto de termos e definições. Como grupo, vocês terão 10 minutos para fazer corresponder os termos às definições. A equipa com as correspondências mais correctas ganhará um prémio.*
   - Dê aos participantes 10 a 15 minutos para trabalharem juntos para fazer corresponder as definições. Em seguida, peça a todos que parem e diga-lhes que vocês analisarão cada termo e definição juntos.

- Usando os slides, percorra cada termo e obtenha as definições de cada grupo. Por exemplo, mostre o termo "sexo" e peça a um pequeno grupo que compartilhe a definição que seleccionou para esse termo. Pergunte a outros grupos se eles tiveram uma definição diferente e depois revele a resposta. Após os seguintes termos, apoie o entendimento dos participantes, fazendo questões pertinentes:
    - Depois de **sexo** e **género** terem sido apresentados, pergunte:

      Qual é a diferença entre sexo e género?
    - Depois de **orientação sexual** e **identidade e expressão de género** terem sido apresentados, pergunte:

      Qual é a diferença entre orientação sexual e identidade de género?
    - Depois de **gays** e **HSH** terem sido apresentados, pergunte:

      Qual é a diferença entre um homem gay e a categoria HSH?
    - Depois de **sexismo** e **heteronormatividade** serem apresentados, pergunte:

      O que vocês vêem como sendo a relação existente entre sexismo e heteronormatividade?

3. **Reflexão em Pares (5 minutos):** Depois de analisar as terminologias, peça aos participantes que encontrem um parceiro. *Com o seu parceiro, compartilhe uma ou duas coisas que você aprendeu ou achou interessante sobre o jogo de correspondência. Cada parceiro terá um minuto para compartilhar.*
4. **Apresentação em Plenária (5 minutos):** Quando eles tiverem terminado de compartilhar, volte ao grupo maior e peça às pessoas para compartilharem o que aprenderam ou acharam interessante. Encoraje os participantes a estalar os dedos, se eles também aprenderam uma das coisas que é compartilhada. Depois de concluído, todos os participantes poderão voltar para os seus lugares.
5. **Estudo de caso: Estigma contra pessoas LGBTIQ (25 minutos)**

   Mostre um clipe de um dos vídeos.

   Use 1-2-4-Todos após o vídeo fazer com que os participantes reflictam e discutam as seguintes questões:

   - O que é que para vocês se destacou no vídeo?
   - Como isso se parece com o que as pessoas LGBTIQ enfrentam nas vossas comunidades?
   - Qual é que vocês acham que é a relação entre o estigma do aborto e o estigma contra pessoas LGBTIQ?

   Quando vocês retornarem ao debate no grupo maior, concentrem-se apenas na última pergunta sobre como o estigma do aborto e o estigma contra pessoas LGBTIQ estão relacionados.

6. **Resumo (5 minutos):**

Resumo das principais mensagens

- O estigma do aborto e o estigma de LGBTIQ estão relacionados de acordo com os termos gerais dos direitos sexuais e reprodutivos. A chave em ambos é o direito de todas as pessoas tomarem decisões sobre seu corpo, sexualidade e reprodução, por exemplo, com quem envolver-se sexualmente, se e quando ter intimidade sexual e se e quando ter filhos
- As pessoas que se identificam ou são percebidas como LGBTIQ podem enfrentar barreiras adicionais a serviços de aborto seguros e respeitosos. Elas podem sofrer estigma tanto por causa de seu desejo de interromper uma gravidez e porque sua orientação sexual, identidade de género ou expressão de género desafiam normas sociais.
- Os direitos de aborto e de LGBTIQ desafiam normas patriarcais opressivas sobre género e sexualidade, incluindo as seguintes:
    - Todas as mulheres deveriam querer ser mães;
    - Sexo para reprodução é mais legítimo do que sexo por prazer, e qualquer sexo que não possa levar à reprodução é de certo modo sujo;
    - "Homens de verdade" e "mulheres de verdade" são heterossexuais, cisgéneros e aderem às regras sociais sobre como expressam seu género.

Lésbica	Expressão de Género
Gay	Cisgénero
Bissexual	Sexo
Transexual	Género
Intersexual	Heteronormati-vidade

Queer	Homofobia
Aliado	Transfobia
HSM	Sexismo
Orientação sexual	“No armário”
Identidade de Género	

Uma mulher cuja atracção física, romântica e/ou emocional é para outras mulheres.	A maneira como as características ou comportamentos de uma pessoa sinalizam masculinidade, feminilidade ou mistura—pode incluir aparência, indumentária, maneirismos, padrões de fala e interacções sociais ou papéis.
Pessoas cujas atracções físicas, românticas e/ou emocionais são para pessoas do mesmo sexo. Também se refere especificamente a homens cujas atracções físicas, românticas e/ou emocionais são para outros homens.	Um termo usado para descrever pessoas cuja identidade de género corresponde ao sexo que lhes foi atribuído no nascimento.
Pessoa que é física, romântica e/ou emocionalmente atraído por homens e mulheres.	Esta palavra refere-se às características biológicas ou físicas que definem os humanos como femininos ou masculinos.
Um termo geral abrangente para pessoas cuja identidade de género e/ou expressão de género difere do sexo que lhes foi atribuído no nascimento.	Este termo se refere às características socialmente construídas de mulheres e homens—como normas/tradições, papéis, expectativas, etc.
Pessoas que nascem com características sexuais biológicas que não se encaixam perfeitamente nas definições binárias de homem ou mulher.	A crença ou presunção de que todas as pessoas são heterossexuais ou de que a heterossexualidade é uma realidade consumada em vez de ser uma de muitas possibilidades. Por exemplo, o pressuposto de que um menino crescerá e se casará com uma mulher ou que uma rapariga crescerá e se casará com um homem.

Historicamente usado como um insulto em muitos contextos. Agora recuperado como uma identidade e alternativa para lésbica, gay ou bissexual que representa uma orgulhosa não-conformidade com normas rígidas sobre sexualidade e género. Às vezes, é uma alternativa intencional à bissexual para enfatizar a atracção por pessoas num espectro de género em vez de um binário.	Aversão, preconceito ou medo da homossexualidade ou pessoas que são identificadas ou percebidas como lésbicas, gays, bissexuais, transexuais ou outra identidade ou expressão homossexual.
Um heterossexual que é um amigo activo, defensor e/ou activista dos direitos das pessoas LGBTIQ. Também alguém que confronta o heterossexismo em si e em outras pessoas.	Aversão, preconceito ou medo de transexuais ou outras pessoas cuja identidade e/ou expressão de género rompe com a expectativa de que existem apenas dois sexos/géneros e que sexo e género sejam fixos e consistentes.
Homens que fazem sexo com homens	Preconceito, estereótipos ou discriminação, tipicamente contra as mulheres, com base no sexo.
O padrão duradouro de atracção romântica ou sexual de uma pessoa (ou uma combinação deles) por pessoas do mesmo sexo ou género ou sexo ou género oposto. Isso pode incluir heterossexualidade, homossexualidade, pansexualidade e assexualidade, entre outros.	Um termo usado para descrever alguém que está a esconder parte da sua identidade por causa do estigma e da pressão social.
Um senso internalizado de um género, independentemente de este corresponder ou não ao sexo atribuído no nascimento ou a maneira como alguém se veste ou age.	

RECURSOS-CHAVE

Intersectionality 101 (Teaching Tolerance, 2016)

ISOFI Toolkit: Tools for learning and action on gender and sexuality (CARE and ICRW, 2007)

Abortion attitude transformation: A values clarification toolkit for global audiences (Turner, 2011)

Abortion attitude transformation: Values clarification activities adapted for young women (Turner, 2011)

Gender or sex: who cares? Skills-building resource pack on gender and reproductive health for adolescents and youth workers (Ipas and Health & Development Networks, de Bruyn and Nadine, 2001)

Understanding and challenging HIV stigma: Toolkit for action (ICRW, 2016)

Trans-inclusive abortion services: A manual for providers on operationalizing trans-inclusive policies and practices in an abortion setting (AJ Lowik and FQPN, 2017)

REFERÊNCIAS

Cooperative for Assistance and Relief Everywhere Inc, & International Center for Research on Women. (2007). ISOFI Toolkit: Tools for learning and action on gender and sexuality. Retrieved from http://www.endvawnow.org/uploads/browser/files/ISOFI%20Toolkit.pdf

Crenshaw, K. (1989). Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. *University of Chicago Legal Forum, 1989*(8).

DeSilver, D. (2018). Few women lead large U.S. companies, despite modest gains over past decade. Retrieved from http://www.pewresearch.org/fact-tank/2018/09/26/few-women-lead-large-u-s-companies-despite-modest-gains-over-past-decade/#more-306366

Turner, K. L., & Chapman Page, K. (2011). *Abortion attitude transformation: A values clarification toolkit for global audiences* (Second ed.). Chapel Hill, NC: Ipas.